

# PASSEIO

Renato Rezende

PASSEIO

Bolsa Fundação Biblioteca Nacional/DNL  
para obra em formação  
Poesia - 1997

## PREFÁCIO

Alexei Bueno

Em seus livros anteriores, em *Aura*, em *Asa*, Renato Rezende se revelava um indiscutível mestre do poema curto, dotado de uma sobriedade quase clássica do verso, uma limpidez cristalina onde, livre de todo o prosaísmo, o poema nascia com uma naturalidade comparável com a da língua oral em seu fluxo imperceptível. Mas não se tratava, e isso era um fato importante, do poema curto vizinho ao registro pictórico, a objetividade rasa que domina boa parte da nossa poesia contemporânea. A visão do poeta era uma visão de dentro, uma visão por trás, dominada por aquela ânsia de ver em profundidade da qual emergem as filosofias e as religiões, como boa parte da arte. Os poemas de Renato Rezende buscavam ver, no espetáculo do mundo, em cada um dos incontáveis detalhes aparentemente desimportantes do seu turbulento caos, aquilo que especialmente caberia à poesia, ao verbo, apreender, sem invadir os domínios específicos das artes plásticas, e daí a sua autenticidade enquanto poesia. A iluminação que seus poemas buscavam e alcançavam era uma iluminação rigorosamente poética, e dentro dela nos encontrávamos com as especificidades do ver o mundo desse ser aleatório e irrepetível que carrega pelas nossas esquinas o nome de Renato Rezende.

Duas coisas marcavam claramente a sua poesia, uma sensibilidade do instante, e portanto do tempo, e uma sensibilidade do indivíduo -- do pouco que o constitui -- e portanto de toda a humanidade. Esse jogo de agora e sempre, de eu e todos, resolvia-se em alguns poemas admiráveis. Passava-se do instantâneo absoluto, muito próximo da poesia japonesa, como em

### O ANJO NA CALÇADA

Douradas, rosas, azuis

na calçada  
duas pétalas de flor  
como asas,

borboleta  
crucificada

até a aguda sensibilidade do tempo, em

### SOMBRAS

Comprei uma biografia de Joan Miró  
com algumas fotografias velhas, uma delas  
mostra o pintor-poeta no fundo de um bar  
bebendo, admirando La Chunga dançar. A foto  
é escura e os dois parecem mortos.  
É difícil acreditar que isso realmente aconteceu,  
a sombra  
de toda história mais parece um sonho.

Da mesma maneira, de um impressionante poema sobre o outro, "A Perna" -- onde entra em cena um dos temas caros ao autor, o dos miseráveis das cidades, tema de grande presença na nossa poesia, obviamente pela grande e lamentável presença na nossa vida cotidiana, desde Cruz e Sousa e Augusto dos Anjos -- chegávamos ao registro social, da forma menos panfletária e vultue possível, em um poema como "Pimentões Perfeitos", e daí partíamos para a plena sensibilidade da vacuidade do eu, no poema justamente intitulado

EU

Esvaziar-me  
e tornar-me nada.

Viver da mesma maneira, a mesma coisa,  
em barracas ou palácios.

Ter o corpo oco, depois de cada encontro  
e durante cada ato  
não pensar em nada, não levar nada  
para casa  
não sentir nem desejo nem raiva.  
Que não exista algo chamado Renato.

Nunca fazer nada.

Que Renato seja uma máscara  
vazia -- mas este espaço  
não seja ausência, mas luminosidade.

A coisa mais pura e clara.

Em poemas como este tornava-se aliás bastante nítida a filiação de ao menos uma das sensibilidades do poeta à metafísica oriental, entre o budismo e a vedanta, mantendo-se numa linha há muito entroncada entre nós ocidentais, via Schopenhauer ou outros. Esta tentativa de ascese, esta busca de superação da contingência do indivíduo, parece justificar, etimologicamente, a reiterada presença do nome próprio do poeta, que neste caso parece exercer coincidentemente a função de um símbolo.

Há dois poemas que julgo especialmente reveladores da concepção do seu autor. No primeiro, chamado

POEMAS

Sou ainda muito moço,  
mas quando me lembro  
dos tantos momentos que já vivi na minha vida  
sinto que todo o passado tem sido um sonho  
desaparecendo,  
e quero mesmo que desapareça  
e somente sobre a essência,  
o supra-sumo  
como cápsulas de amor preservadas em poemas.

o registro aparentemente confessional se transmuda na impessoal percepção do esvaziamento do ser, e da sua talvez única salvação -- a salvação daquilo que parece constituir a sua essência irreduzível, a afetividade -- através da arte. Se aí temos, nessas "cápsulas de amor preservadas em poemas", quase a declaração de uma poética pessoal, no poema que se chama

A DEVI COBERTA

No MET vi a imagem de uma deusa  
coberta para reforma, mas apesar da lona  
disforme sobre o seu torso,

(na minha retina interior)  
eu pude ver seu rosto.  
Tudo o que é verdadeiramente divino  
não pode ser escondido --  
como a luz dentro de cada um de nós  
transborda pelo olho, presa no corpo.

encontramos a declaração explícita do que chamei de visão em profundidade, essa "retina interior" que descobre em cada coisa "o que é verdadeiramente divino" e "não pode ser escondido". Estamos, sem dúvida, perante um poeta que se entronca, em sua feição essencial, nessa raiz platônica que talvez tenha dado os mais belos frutos da literatura em nossa língua, essa linhagem -- e não importa aí a origem mais oriental ou ocidental dessa filiação -- que acredita em um lado de lá das coisas, no lado luminoso, no mundo das idéias puras além do nosso caos de aparências e de maldade, e à qual se ligam nomes tão diversos quanto os de Camões, Fernando Pessoa e Guimarães Rosa. Enfim, sempre em um momento ou outro a nossa poesia escapa da idiotia parnasiano-objetiva da qual realmente nunca se libertou.

E é dos materiais mais simples, mais cotidianos, como simples e cotidiana é a sua quase clássica dicção, que Renato Rezende retira as suas súbitas iluminações, como em

#### FORMIGAS

Talvez isso ajude a compreender o Destino  
ou a Graça:  
Num pátio de mármore, duas formigas  
tentam escalar uma pilastra.  
Mas não conseguem.  
Uma desiste.  
A outra prossegue,  
insiste.  
Até que eu  
pego essa formiga com a mão  
e a coloco um palmo acima do chão.

onde algumas complexas questões teológicas e metafísicas se materializam através do mais singelo dos gestos. Trata-se do processo, comum à mística e à poesia, de extrair o todo da parte, o macrocosmo do microcosmo, já que, para citar a Tábua de Esmeralda, "o que está embaixo é como o que está em cima e o que está em cima é igual ao que está embaixo, para realizar os milagres de uma única coisa". E já que lembramos o aforismo básico de Hermes Trimegistos, lembraremos também a célebre quadra de Blake, quase uma síntese poética do mesmo procedimento:

To see a world in a grain of sand  
And a heaven in a wild flower,  
Hold infinity in the palm of your hand,  
And eternity in an hour.

Enfim, depois dos admiráveis poemas curtos de Aura e de Asa, aqui abundante e voluntariamente citados, Renato Rezende parece atingir, neste Passeio, e sem nenhum choque com a sua maneira anterior, uma alteração de registro. Em poemas mais longos, mais diretamente entroncados na realidade física e social que nos cerca, o poeta constrói uma espécie de diário, de onde o elemento diretamente biográfico, confessional, não está ausente, antes serve de base para o exercício da mesma visão em profundidade que reconhecemos nos livros anteriores. A partir de agora, no entanto, o cinético domina o estático, e o eu

poético -- que se confunde com o aleatório eu individual -- reaparece numa espécie de percurso deambulatório que se resolve em dois planos, a cidade e a memória, o agora de todos e o ontem do eu.

O Rio de Janeiro é cenário e personagem deste livro, que não deixa de realizar, ao mesmo tempo, um paralelo passeio intertextual através das citações poéticas que pontilham o seu corpo. De início, uma certa lassidão domina o eu lírico:

Meio desistido de mim mesmo  
caminho quase a esmo  
pelo Rio de Janeiro.

...

que no entanto prossegue, com a sua aguda capacidade de olhar, pelas ruas da cidade para onde veio. E por estas páginas, levado pelo poeta, o leitor terá um encontro com o ser humano essencial e, em outro nível diverso do cotidiano, com as entidades que povoam esta cidade, os mendigos, os miseráveis, os malucos -- que já apontáramos nos livros anteriores --, as ruas, as praças e as paisagens, a vida enfim, justificativa e objetivo de tudo, filtrada aqui por um eu que busca, como artista genuíno, sempre e cada vez mais ser todos, num agora cada vez mais sempre.

6.3.1999

PARAÍSO PERDIDO  
(ou pré-poema)

Nenhum de nós jamais pensaria  
em partir, em despegar-se deste corpo  
que nos une e nos consome. Mas todas as noites agora  
acordo com a dor de ir embora.

Não mais os aromas,  
a côr, o brilho  
das partículas do paraíso?

Nenhum de nós, desprovidos de suas asas  
gostaria de encostar na terra, decaído.  
No entanto, já me acena o mundo  
com seu jogo de luz e trevas.

Mas, e o amor, o verdadeiro  
Amor que sustenta tudo, que me permite  
estar ainda erguido sobre esta nuvem?

Desço, em desespero, com o peso do corpo  
à terra da impermanência  
para nela destruir o que em mim não é eterno  
como o fogo se apaga com fogo  
como o ferro se forja no ferro?

Pensei que já não mais desceria.  
Pensei que ficaria nesta esfera  
até me unir em definitivo  
no mais alto círculo divino.

Mas é o meu próprio desejo  
que me leva de volta ao solo,  
e de novo me descubro  
homem.

Pensei que aqui ficaria até a memória  
de tudo que vivi antes na terra  
desaparecesse da minha memória.

Mas já sinto a própria memória  
com sua sede de aranha e infância  
arrombar todas as portas.

Que não seja longo, ó anjos, este passeio.  
Mas, ao tocar os pés no chão  
já começo a andar, e em cada passo mais me esqueço.

## PASSEIO

Demoro-me  
no centro da cidade,  
no Castelo, no Passeio.  
Demoro-me  
no Rio de Janeiro  
como se fosse outrora  
e se dissesse:  
Ele demorava-se no Centro,  
a esmo.  
Demoro-me como quem quer  
ser atropelado  
sumir num tropeção  
esquecer-se de si mesmo.  
Demoro-me como se demoram  
os mendigos que moram na rua  
e que esperam o dia inteiro  
para suas casas serem abandonadas.  
Demoro-me como um destituído  
cuja única felicidade  
o clarão de luz na cara.

Rio de Janeiro, 2 de fevereiro 1997

## OS ANTEPASSADOS

Meu tio José gostava de ficar  
debruçado sobre a cerca escura da piscina  
depois do jantar, ouvindo o bater da água, o coaxar dos sapos  
no duplo prazer  
de escutar as estrelas passando sobre a fazenda  
e fazer a digestão, peidando.  
Morreu de câncer nos intestinos  
mas sua alma saiu pelos olhos.  
Meu avô também morreu de olhos abertos  
escancarados  
para o teto...  
o céu estrelado da sua infância,  
não importa que na verdade fosse o céu cego de S. Paulo.  
Aliás, São Paulo também é céu estrelado, é o reino da minha infância.  
São Paulo para mim é desejo grande  
de ser feliz e de voltar a ser o que se foi.  
Todo lugar é lugar de esperança, todo corpo é lar  
para o ser humano.  
Meu avô Renato, de quem herdei o nome  
e essa maneira de andar  
entre inúmeras outras coisas que nem sei, além  
do bem e do mal,  
morreu neurastênico.  
Morreu sem viajar muito pra lá de Minas...  
sem conhecer  
a sua bisneta, minha filha.  
Morreu como eu vou morrer um dia  
definido por seu espaço e seu tempo.  
Morreu como morrem todos,  
pleno e culpado, vazio  
e completo  
(ao mesmo tempo imperfeito e perfeito).  
Meu tio José já morreu faz tempo,  
poucas pessoas ainda tem saudades.  
Meu avô morreu um pouco mais tarde.  
A morte é natural  
como a sombra crescente da tarde  
cobrindo pouco a pouco a cidade,  
escurecendo a cerca da piscina e a fazenda inteira.  
Já é quase noite, depois do jantar  
me retiro para o quarto a escutar as estrelas.  
Estou no Rio de Janeiro  
onde minha filha nasce e já é criança.  
É a vida que passa, e cada um de nós, passando  
empurra mais para longe, mais para o escuro  
os seus antepassados.  
Talvez tendo filhos nós os ajudemos de alguma forma.  
Talvez assim paguemos nossas dívidas da carne.  
Escuto saudoso as estrelas, o jantar me pesa no estômago,  
produz gases.  
Minha filha brinca com seu corpo ainda ileso.  
Já é tarde, digo, pra cama, Renata, olha o bicho-papão!  
O bicho-papão viajando pelas estrelas e pela carne.



Rio de Janeiro, 13 de fevereiro 1997

AS MOIRAS

Gostaria de estar lá, testemunha, bem na hora  
quando as moiras tecem o destino dos homens.  
-- Você (ainda apenas uma alma)  
está condenado a caminhar de joelhos  
por 35 anos  
na cidade do Rio de Janeiro.  
Essa foi boa! É o mendigo  
que vi ontem sob o sol  
na praia do Flamengo.  
Levariam elas em conta a lei oriental do karma?  
Compreenderiam elas que, afinal  
a vida é sonho  
e não importa nada?  
Não é verdade que no fim das contas  
todo destino é igual  
e todo homem um expatriado de si mesmo?  
Veja eu, por exemplo  
Renato Rezende, 32 anos  
e ainda não morri de fome e de sede  
(este fato me surpreende).  
Carrego um iceberg no peito  
cuja minúscula ponta são todos os meus versos.  
Parece mesmo que meu destino  
é este gesto já quase desfeito  
este desejo imenso de não sei bem o quê  
este gigantesco amor-desatino  
este aparente  
bater a esmo.  
As moiras, na sua Glória, eu sei, gostam dessa gente  
que é torta, desses sem jeito  
que descasam o fim do começo,  
que são menos carne do que espírito.  
Como o mendigo do Flamengo  
eu sou um escolhido  
e vivo de joelhos dentro de mim mesmo.  
Todas as minhas vitórias sempre serão  
maravilhosa, necessaria-  
mente um sinal de menos.

Rio de Janeiro, 15 de fevereiro 1997

## PRENÚNCIOS DE GAIVOTAS

Sou uma alma pequena  
pousada na Terra.  
Mais precisamente pousada numa pedra  
na Urca, esta tarde.  
Observo as nuvens, o céu  
as gaivotas, o mar.  
Tudo passa.  
Adiante caminham  
no calçamento da encosta da praia  
--que brilha num banho de luz e ar--  
dezenas de pessoas iguais a mim.  
Todas passam, mas não notam  
o esplendor da natureza.  
Todas passam e percebo que pensam,  
e são seus pensamentos que limitam o mar.  
Seria a mente o limite do tempo?  
Estamos todos vivendo menos,  
presos dentro de nós mesmos.  
Estamos todos sós  
neste planeta azul, sob o sol.  
Mas sinto que se der um salto  
aprendo a voar.

Rio de Janeiro, 24 de fevereiro 1997

ESTELITA LINS COM LARANJEIRAS

Nesta esquina havia um mendigo  
que queria sempre falar comigo.  
Quando me via me chamava.  
Ei, ei, preciso falar com você!  
Mas eu passava apressado e deprimido.  
E lá ficava ele, sentado  
entre cocôs de cachorro e lixo.  
Quem sabe ele era o anjo, um Zipruana  
São Francisco de Assis, o próprio Jesus Cristo  
que me levaria enfim ao Paraíso.  
Talvez ele fosse o anjo do eu-redimido.  
Talvez ele fosse o meu anjo prometido.

Duvido.

Rio de Janeiro, 27 de fevereiro 1997

## JAGUNÇO

Meio desistido de mim mesmo  
caminho quase a esmo  
pelo Rio de Janeiro.  
Quase a esmo --estou bem vestido  
e entre brancos, mulatas e negros  
procuro um qualquer emprego.  
Uma ocupação que me sustente  
e permita-me desistir-me  
mais completamente, mais inteiro.  
Algo que eu farei com zêlo,  
algo simples, humilde; desistir-se  
não requer muito dinheiro.  
O segredo deste esconder-se  
é que quanto mais me desisto  
mais me encontro  
sublime, dentro de mim mesmo  
e rio, e sou livre, e vôo  
e crio  
meu jeito de ser artista e gente.

Rio de Janeiro, 7 de março 1997

ZELIG

Como se não bastasse  
ser gente  
é preciso ser também  
médico, professor, gerente.  
Tudo bem. O Sr. Souza  
é gerente de compras.  
A Dona Raimunda  
tem como profissão  
alugar o corpo.  
Me perguntam o que sou.  
Poeta e pintor, eu digo,  
ou aprendiz de mendigo.  
(Algo que de si mesmo  
duvida).  
Meu nome é Zelig  
e às vezes São Francisco.  
Indefinível, sem qualidades  
disassocio-me do meu corpo  
que alguns chamam de veículo.  
Me despeço do meu destino.  
Sou metade vazio  
e oco no meio  
(a melhor parte de mim mesmo  
onde sou mais inteiro).  
Me espero no que restará  
do fundo do meu próprio abismo.

O sol no mar infinito.

Rio de Janeiro, 7 de março 1997

TRAPO

O dia deu em nada?

A fome, o fogo, a sede  
que pulsaram fortes  
nas manhãs de outrora,  
nas noites cheias de estrelas  
extinguem-se hoje  
sem muitas palavras, sem alarde  
nesta praia, no final da tarde.  
Sou agora mínimos desejos.  
Nas veias corre água do mar.  
O coração esfarela-se em areia.  
O vulcão dentro do peito  
que me deu o mundo inteiro  
e me levou aos sete mares, aos mil abraços  
aos reinos do sol, das sombras, do medo  
dissipa-se em água, em anônimo cansaço  
que se esvai como a maré entre os dedos.  
Não parece sobrar nada  
do que antes foi ardor e sonho.  
No meio da vida,  
sou fim ou sou começo?  
Me desfazo no teu solo  
ó Rio de Janeiro,  
sou solta branca rosa que bóia  
no mar de suas auroras  
na boca de suas noites.  
Sou finalmente neutro,  
sem primavera, côr ou aroma.

Rio de Janeiro, 8 de março 1997

DOMINGO

Passeamos hoje, domingo  
no Aterro do Flamengo.  
Fazia um dia lindo  
Parecia uma cidade estrangeira  
(quando eu nela chegava  
pela primeira vez,  
jovem e ingênuo,  
e a luz do sol sumindo-se na curva  
suave de cada rua parecia anunciar  
uma infinidade de aventuras:  
a vida jorrava em si mesma).  
A liberdade não existe,  
é um estado de espírito.  
Passeava, domingo, no Aterro  
na Barra, no Parque Guinle,  
a classe média brasileira,  
e sem mistério, sem desespero,  
gozava seu merecido recreio.  
Aqui estou eu, no meio  
do dia a dia da vida:  
um invólucro vazio  
do que já foi risco e incêndio.

Rio de Janeiro, 8 de março 1997



## IMPRESSÕES DO PARQUE LAGE

Na floresta do Parque Lage  
celebro  
a minha enorme liberdade.  
Sou o primeiro  
homem a penetrar este reino  
ainda selvagem.  
Tudo é meu.  
E eu também sou o alheio,  
o esquecido, o estrangeiro.  
Me sinto completo,  
me sinto inteiro.  
A mata está fechada.  
O cheiro forte da jaca  
faz total silêncio.  
Caminho na picada.  
Nesse mundo vegetal  
comungam indigentes  
adúlteros, solitários  
soldados armados  
olhando as mulheres que passam  
drogados, aleijados, malucos  
delinquentes, prostitutas  
crianças sem inocência.  
Um jogo de passeios, de veredas  
de miradas e mirantes  
de olhos que se baixam  
de movimentos obscuros  
atrás dos arbustos  
de corpos que se cruzam  
de águas  
que escutam  
silenciosos anseios.  
Tudo isso sou eu, tudo isso corre  
nas minhas veias.  
Macacos pulam  
de galho em galho.  
Surgem borboletas  
que foram caçadas  
mas de alguma forma sobreviveram.  
Estamos no reino  
da memória e da sombra  
ou luz trespassada  
do alto das árvores  
fantasmas, almas penadas  
coisas perdidas  
primitiva vida sem idade.  
Aqui é o ponto zero  
da cidade.  
Aqui é a cidade  
antes de ser cidade.  
Aqui eu bebo  
a cidade  
em tudo que ela tem de luz

e de intimidade,  
em tudo o que nela é voraz  
e eternidade,  
aqui eu devoro a cidade pública  
e impudica.  
(Isso debaixo  
de trás  
do Cristo  
envolvido em nuvens).

Rio de Janeiro, 10 de março 1997

## ÁGUAS DE MARÇO

Amanhece chovendo  
no meu apartamento  
em Laranjeiras.  
Tudo está mais lento.  
Até mesmo o morro de pedra, sob a água,  
o mirante de Dona Marta  
fica mais doce, doce molhado, doce aço.  
Chega até minha cama de solteiro  
o cheiro suave da chuva,  
e do vento:  
o casamento  
entre todos os elementos do universo.  
Trégua  
na luta geral da vida.  
A cortina d'água na janela  
se transforma numa tela  
onde se projeta meu exílio  
(esta vida nesta terra).  
Memória.  
A chuva molha  
antigas companheiras  
de cama em manhãs cinzentas como esta.  
As férias na fazenda,  
a infância  
e o que ela teve de assombrosa e santa.  
As tardes solitárias  
na Espanha, na Itália, na França.  
Ah, a Europa  
de políglotas cópulas.  
(Toda chuva  
a continuação da última).  
Talvez em algumas dessas horas  
eu tenha sido pleno.  
Talvez em alguns desses momentos  
de silêncio  
eu tenha sido inteiro.  
Chove. A água  
silencia o tempo  
e une a pedra à alma.

Rio de Janeiro, 17 de março 1997

## A IDADE DE CRISTO

### I.

Sim, sim, sim, é o homem  
que pertence à terra,  
e não o contrário.  
Esta casa de fazenda, por exemplo.  
Seu sólido casarão de barro  
pintado de branco e azul;  
o terreiro de café;  
a antiga senzala caindo;  
é apenas nosso destino comum,  
o nosso cenário.  
Aqui há gerações jogamos o baralho  
intricado de nossas vidas.  
Aqui o teatro  
aparente entre senhores e vassallos.  
Junqueiras, Arrudas, Rezendes,  
Prados, Azevedos.  
Somos proprietários,  
caseiros e camponeses.  
Aqui onde hoje estão estas sombras  
os jogos inocentes da infância,  
as horas honestas do trabalho,  
as noites de intriga,  
os roubos, os atos ambíguos  
jamais explicados ou compreendidos,  
as palavras ditas e as não ditas,  
os desejos da carne,  
os encontros secretos de madrugada  
sob o céu aberto  
debaixo  
das estrelas que caíam,  
ou dentro das alcovas frias.  
O casarão apreende o passado  
em suas paredes, a fazenda em sua terra  
e nos serve de volta no sabor do café diário.

### II.

Caminho até o curral.  
Dou bom-dia às vacas.  
Volto para casa, o casarão  
está vazio,  
está vazia a colônia.  
São 7 hrs. da manhã  
o vento varre o terreirão  
o sol nasce  
atrás da serra  
sento-me na sala e escrevo.  
Hoje, domingo de Páscoa  
bem cedo  
sento-me no sofá, no centro  
da sala,

no centro da casa,  
e escrevo.  
Volto ao curral  
converso com as vacas,  
desejo-lhes  
feliz Páscoa.  
Atravesso o terreiro  
estou no pomar  
varrido pelo vento  
("Noite de vento  
noite dos mortos")  
pelo tempo e seus fantasmas.  
Memória. Aqui é o caminho  
do caçador de esmeraldas.  
Velhas mangueiras, jabuticabas  
cheias de barba de bode  
abacates como corações verdes  
de pedra pendurados nas árvores.  
Pulo a cerca, estou no pasto.  
Ossos  
de outras gerações de vacas.  
Garças, siriemas, possíveis cobras.  
O campo aberto, o espaço  
a distância  
o vale seco  
mais parece a Índia  
mais parece a África  
de um tempo remoto  
que é meu e eu desconheço.  
Contrariando a mim mesmo  
de pijamas  
cabelo ao vento  
caminho até o café:  
esta manhã eu me experimento.  
Aqui estão eles: 30 mil pés  
exigidos da terra  
entre frestas de pedra.  
Este é o nosso sustento,  
este nosso exíguo alimento.  
Destas alturas tudo vejo.  
Sobem a estrada dois negros descalços  
munidos de espingardas.  
São lentos, mas sobem rápido.  
Vão caçar na mata.  
Penso em esconder-me,  
mas já é tarde.  
Passam por mim e desejo-lhes bom-dia,  
e foi mais fácil desejá-lo às vacas.  
Me sinto distante e isolado  
destes outros seres, iguais a mim  
e meus irmãos chamados.  
Hoje, domingo de Páscoa, o Cristo  
renascerá entre nós, ou melhor, em cada um de nós  
como um sol solitário.  
Volto para casa.  
Fecho a porta, o vento  
varre o terreiro

nesta manhã iluminada.  
Estou só, mas me sinto preso  
doce, tenuamente preso  
(como um inseto  
numa teia de aranha)  
ao meu nome, meus fantasmas, meu feudo.

III.

Muitos lares cresceram  
durante estes anos todos  
na orla da fazenda.  
A terra abafada  
onde antes era mata  
e depois pasto para vacas.  
Casas simples, muita gente  
onde numa tarde de outrora  
eu e uma filha da colônia  
nos deitamos em segredo.

É natural que tudo se transforme.  
O amor se renova  
em novos cenários.  
Nem um pouco desejo  
o corpo da menina agora.  
Nem sei se está viva ou morta.

No entanto, havia naqueles dias  
na luz daqueles dias, ou no ar  
a própria essência  
da minha infância, da adolescência  
que tinha uma vida inteira pela frente  
mas não sabia.  
Hoje se desenrola sem sentido  
uma vida que não parece minha.  
Em nada me reconheço  
e em vão me busco na fazenda.  
Sinto-me fora  
de mim mesmo, fora de centro  
ou escondido dentro:  
vivendo um exílio às avessas.

Tenho 33 anos.  
A idade de Cristo.

Sei apenas  
que não ressucito, e já é tarde  
para morrer jovem e bonito.

COPACABANA, 1997

O mar brilha e arde.  
O mar, areia líquida.  
É tarde  
em Copacabana  
e na minha vida.  
Pessoas de idade  
caminham de mãos dadas.  
Jovens quase pelados  
patinam em velocidade  
ou jogam vôlei.  
Crianças gritam  
atrás de bolas e cachorros.  
A luz excessiva  
me fere a vista.  
A vida excessiva  
me fere a vida.  
Atravesso a avenida  
em alta perplexidade.  
"Quem sou eu e o que faço  
entre as coisas?"  
Sem nenhuma vontade  
me sento  
me disfarço  
e peço um copo de álcool.  
  
Depois danço e grito e salto.

Rio de Janeiro, 2 de abril 1997

## A ILHA

Levanto as mãos para o céu,  
os braços para o alto  
num gesto  
menos de agradecimento  
do que desamparo.  
Não sei como ainda me sustento  
dentro dos sapatos.  
Cada passo  
um novo compasso.  
Caminho pela cidade,  
pelo Estácio  
onde vim acalmar o sentido...  
e penso  
"A vida inteira que não foi  
e que poderia ter sido".  
A promessa, o sonho, o beijo  
não propriamente esquecidos,  
mas diluídos  
no dia a dia do corpo.  
Penso naquele que fui  
sem saber que era  
e procuro a essência da primavera  
para dela partir novamente.  
Mistério. Difícil  
dilema:  
me busco no passado ou me reconstruo  
do nada?  
Sou fênix ou sou cinzas?  
Navego no escuro.  
Contenho  
no peito o grito.  
Liberdade! Liberdade  
é bairro em São Paulo.  
ou ainda  
Terra a vista!  
ai, quem me dera, que vontade  
de encontrar-me  
Robinson Crusóé perdido em sua ilha.

Rio de Janeiro, 3 de abril 1997



O ALTO

Subo o Pão de Açúcar.  
Subo o Corcovado.  
E quero lançar-me lá de cima  
acabar com tudo  
num vôo de liberdade.  
Mas me sento nas escadas  
que brilham  
e queimam a carne.  
É alto o desespero  
nesta cidade.  
Apesar da claridade  
visto de cima  
tudo  
é tranqüila fatalidade.  
A cidade é frágil.  
A cidade é um brinco.  
Fácil, o mar se une ao lago.  
Vamos todos morrer afogados.  
Finjo  
que não sei de nada  
e não reajo.

Rio de Janeiro, 4 de abril 1997

## MERCADO DE FRUTAS

Quando saí de casa hoje  
a rua estava em silêncio  
como se a vida geral se tivesse cansado  
de tanta história  
e se deixasse levar sem grandes vontades.  
Lento, na calçada ao lado  
passava um negro  
quebrando o silêncio com uma doce toada.  
"Vassoureiro!  
Vassoura de pêlo!"  
E carregava umas vassouras imensas  
que pareciam mesmo coisas antigas  
do tempo dos escravos.  
Parecia um Rio de Janeiro de outrora.  
Era um momento raro,  
o presente permitia  
a vitória do passado.  
Com especial cuidado  
desci a rua  
em direção à feira  
do Largo do Machado.  
Longe, fugia a voz do negro  
como se acaba um longo beijo:  
"Vassoureiro!  
Vassoura de pêlo!"  
Com renovado cuidado  
escolhi as frutas  
que me sustentarão neste dia.  
A cidade eterna e efêmera  
navega em si mesma;  
comigo em seu seio.

Rio de Janeiro, 7 de abril 1997

## O SONO

Sob o azul escurecendo  
e as nuvens que correm o ar  
como se fossem finalmente  
voltar  
à casa  
a tarde no Rio  
passa rápida  
levando do dia  
o que ele teve de fácil e claro.  
Numa janela,  
dentro de um quarto  
(vamos dizer, em Botafogo  
ou no Leblon  
de frente ao mar),  
alheios à tarde que se faz rosa e ouro,  
dois corpos dormem  
um sobre o outro,  
no descanso  
depois do amor.  
(Esse ato gera novos corpos).  
Um corpo sobre outro  
carne sobre carne  
ossos sobre ossos  
no sono  
que é prenúncio da morte.  
Um dia estaremos mortos,  
mas por enquanto  
estamos aqui  
estamos aqui, presentes  
e o mundo é ainda nosso.

Rio de Janeiro, 8 de abril 1997

## O MENDIGO

Sou o mendigo  
do Rio de Janeiro.  
Entre muitos, o único  
o arquétipo, o negro  
o barbudo, o sujo, o primeiro  
o eterno, o mítico.  
Estou entre árvores,  
carros e edifícios.  
Hoje sou palavra e precipício.  
Hoje acordei com o bicho.  
Insisto em saber  
como se faz para ser dono  
de tudo isso.  
Giro em torno de mim mesmo  
e tudo vejo --estou de pé  
no meio da avenida.  
Os carros brilham e passam  
rápidos, no asfalto.  
É uma dádiva ou um fracasso  
não ter um carro?  
Hoje eu não me entendo.  
Têm muita gente morando  
nestes edifícios, eu sei,  
será que é porque  
eles chegaram primeiro?  
A gente já nasce rico  
ou é uma questão de sorte  
durante a vida --vida ou morte?  
Será que eu sou rico ou pobre,  
vivo ou morto?  
Será que quando eu nasci  
pensaram que eu era rei  
e não precisava de nada?  
Tudo é sempre encontrado no lixo  
na plataforma da vida  
como a roupa que visto?  
Tudo já estava construído?  
Como se faz para ser dono  
das coisas que existem?  
Eu, o único imperador  
do reino-corpo que dispo.

Rio de Janeiro, 15 de abril 1997

NO LIXO

O homem mais bonito  
está catando restos  
no depósito de lixo.  
A pessoa pura  
se perdeu em apuros.  
No mundo moderno  
o amor é complexo:  
quanto menos beijo  
mais eterno.  
Há várias epidemias  
que assolam a população  
como se fôssemos vermes.  
Mas não morremos.  
Sobrevivemos  
ao próprio tempo.  
No meio da multidão  
no Paço  
Imperial,  
na estação Central,  
eu juro  
eu confesso  
que me perco.  
Sou ninguém,  
  
mas tenho o coração aceso.

Rio de Janeiro, 18 de abril 1997

## O BALDE

Rio de Janeiro,  
minha cidade de agora.

Me preencho  
com teu peso.

Sou um balde que flutua  
com um furo  
em tuas águas sujas  
e pouco a pouco afunda.

As três da madrugada  
às três da tarde,  
no túnel, na orla;  
a mesma hora  
se desdobra

desde o Império romano?

Rio de Janeiro, segundo milênio  
da era de Cristo

quase findo.

O umbigo é o centro  
do universo. O umbigo  
de ninguém em concreto.

Tempo de menos.

Os que estão vivos  
mal compreendem a vida.  
Somos muito milhões de indivíduos  
e para a maioria deles  
não teria nada a dizer.

A não ser, talvez  
"toda vida  
é sagrada"  
(e isto dito  
dar as costas).

Conheço umas centenas de pessoas  
que são minha idéia de humanidade.  
Acho a humanidade doce.  
Estou só.

Tenho desejos.  
Mas nenhum ímpeto.

Até mesmo o sexo  
ficou melhor imaginado  
do que vivido.

Atravesso vários bairros  
várias vidas.

Sou ouro e lixo.  
Nas minhas asas puras  
acolho, recolho  
tua porra  
e tua excremento.

Rio eterna  
efêmera  
aberta  
Roma, Atenas, Pompéia.

Rio de Janeiro, 2 de maio 1997

ASAS

Como uma borboleta às vezes voa baixo  
e acaba  
atropelada  
nas ruas desta cidade;

luz e azul  
estagnados  
estampados  
no negro do asfalto;

anjo crucificado  
entre carros que passam,

minha vida  
morna e delicada  
beijou a parede e o asfalto, trêmula

nas encostas do precipício.

Sento-me rente  
à calçada  
na raiz de uma enorme árvore, só

entre a sarjeta e o asfalto,  
entre o tempo e a morte.

Ó alta e sábia árvore.  
Ó árvore,  
eu beijo tua casca--  
tua grossa, antiga casca.

Imagino que esta árvore mágica  
poderia destruir a cidade

e transformá-la novamente em mata.

Imagino e sou salvo.

No meio da mata Atlântica  
no tempo vegetal  
como uma larva  
eu subo a alta árvore  
até o céu.

O céu anil  
das asas de uma borboleta livre  
sobre o mar terrestre.

Subo e sou  
luz e crisálida,

um pouco já raio e êxtase.



Quero vertigens transparentes,  
quero o grande salto d'alma.

Deus, será que dava, de onde eu caio  
fazer-me santo rápido,  
algum tipo de pássaro,

dar-me asas?

Rio de Janeiro, 4 de maio 1997

## NÓS

Cada um de nós  
tem uma vida  
atroz e parecida.  
Parecida com a daqueles  
do nosso meio:  
o mesmo score  
de infinitas viagens,  
aventuras, sexo  
e também dinheiro.  
Mas igualmente atroz  
ou, se quiseres  
(a perspectiva  
depende do dia)  
igualmente feia  
ou bonita ou inquieta  
ou esquisita  
a vida  
de outros homens.  
Igual em essência  
a vida de todos nós  
sofrendo no corpo  
o fogo do tempo:  
o mesmo prazer  
a mesmíssima dor  
a voz  
presa no peito  
a sede de amor  
os nós  
de tantos anseios  
e afetos desfeitos,  
o destino incerto  
sem ritmo  
sem nexos,  
o enorme desejo  
de um dia estar em paz  
e conhecer Deus  
por fim falso ou verdadeiro.  
E por todo o caminho  
o espelho perplexo:  
quem sou?

Desconfio  
que somos o mesmo.

Rio de Janeiro, 26 de maio 1997

## AS DUAS ÁGUAS

(Sou uma caixa ou uma concha  
onde marulha uma água  
um mar inteiro preso  
entre o espírito e a carne)

Existem duas águas  
em mim, em agonia.  
As profundas e as rasas.  
As rasas são claras,  
e no entanto sujas.  
Estão em contato  
constante com o dia.  
(O reino fecundo das cores  
e das palavras-fontes).  
As profundas são escuras,  
embora de matéria mais pura.  
Quase não refletem as nuvens.  
São as águas  
"onde a infância naufraga".  
Águas paradas  
onde a vida naufraga  
em si mesma,  
e o dia na noite.  
Águas-alma  
de total silêncio.  
Há em mim  
uma tensão entre tais águas  
que não se mesclam.  
Assim como não se mesclam  
o Negro e o Solimões.  
Entre estas duas águas  
como um peixe  
enfermo, eu me sufoco.  
Eu, que quero  
num salto Amazonas  
engolir as águas,  
e fazer delas uma.

São Paulo, 20 de junho 1997

## A MANGUEIRA

Sob o sol há sempre perda e esse pé  
de manga na calçada da ladeira  
me lembra agora a infância passada  
descalça na ensolarada fazenda.  
Meu pai a cavalo! As brincadeiras  
no curral entre as vacas, as batalhas  
de cevada quente, a terra vermelha,  
a cachoeira em prata, o terreiro de café!

O sol parecia eterno.

Mas tudo passa. A cega mangueira  
sozinha (longe da mata) na subida  
íngreme desta alameda escondida  
das avenidas do Rio de Janeiro  
também parece me reconhecer, lenta  
e perplexa --e como que se abaixa.  
Aproximo-me. Sem que ninguém veja  
longamente beijo sua antiga casca.

Velha amiga! Foi apenas ontem  
que sem medo subia em seus galhos.  
Durante o dia com fome dos seus frutos  
como o sol dourados e doces;  
ou na preguiçosa tarde sob sua sombra  
observando os pássaros do mato.  
E de noite contra seu tronco, sedento  
do fruto proibido, os beijos escondidos  
(na brincadeira de esconde-esconde), a boca  
rosada da jovem moça da colônia...

No céu riscavam estrelas cadentes...

Lembra? Foi mesmo ontem! E hoje  
nos reencontramos de novo!  
Mas, amiga, não estaria eu sendo tolo  
e dourando (de novo) a pílula do passado?  
Fala a verdade, responde... uma rajada  
de vento farfalha as suas folhas:  
Isto é o lado bom, a grande vantagem  
do tempo, que passa, e passando  
recolore o já vivido com nova graça....

Que bom que isso aconteça, e é certo  
que assim seja. Mas quando, amiga, onde  
o sol que enfim nos espera, que vai dourar  
o que sempre somos agora? Cá estamos,  
você --permita-me-- abandonada e seca  
eu, abandonado e longe, naufragos à deriva  
em nossos corpos --de nossas próprias vidas.  
Vivemos ainda da seiva dos velhos sonhos.

(Os velhos sonhos de ser tudo e todos

além do fogo-tempo e seus círculos).

Rio de Janeiro, 18 de julho 1997

O BICHO

Me misturo ao mundo absurdo,  
como do mundo, e me pergunto  
onde mais encontrar comida  
que sustente espírito e músculos.

Que sustente espírito e tudo  
que de mim quer fugir do mundo.

No turbilhão da vida  
penso na morte.  
Será que na hora da morte  
vou querer a vida?

Sou uma alma em sua jaula.

Rio de Janeiro, 8 de outubro 1997

## BICHO DE GOIABA

No tacho de cobre/ vermelho  
era eu mesmo me derretendo.

Todos os dias, o dia.

Aqui estou eu, de repente, o mesmo,  
no ermo recanto das flores  
da infância de mim mesmo.  
Aqui estou eu, como num sonho  
ou num porto-fragmento  
do que já fui, perdido no tempo.

Irrompo aos gritos a casa ensolarada  
e tudo brilha e está em seu lugar  
enquanto gira ao redor do nada.

Aquelas manhãs na fazenda  
ainda existem, não se perderam, estão lá  
agora,  
você que é o sempre ausente.

Mas espere  
ainda há esperança, e por mais um dia  
por dádiva dos deuses  
que giram todos os dias  
a roda do destino  
eu apareço, inteiro.

As terras  
ainda estão aqui, generosas  
e fecundas, vermelhas.  
Ainda não vendemos  
nossa memória, nem mesmo o medo  
de menino sozinho no quarto escuro...

e já acaba o óleo da lamparina  
papai e mamãe dormem  
do outro lado da enorme casa  
e a sombra bruxeleia na parede escura,  
no forro passeiam gambás  
aranhas e baratas  
infestam o chão a esta hora.  
O banheiro  
está do outro lado do mundo  
no fim do corredor  
imenso de assoalho vermelho.  
Se acordo meu pai  
ele vai ficar bravo e vai ser pior.  
Fazer xixi na cama  
é até gostoso  
(o prenúncio  
de um prazer maior),  
é quentinho

e com este calor logo seca, ninguém nota.  
Meu irmão dorme na cama ao lado  
e estas duas camas parecem agora dois barcos  
que se separam no enorme mar do tempo.  
Tenho medo  
de ficar sozinho.  
E se meus pais morrerem?

(Ensaio na madrugada o sofrimento da desgraça  
que durante a vida inteira espero que aconteça).

Rompe o dia.  
Assisto  
pela janela encardida a delicadeza da aurora  
e com pijamas saio lá fora.  
Estou na varanda. Ouço pássaros novos  
e vacas rumo aos currais de outrora.  
Do pomar irrompe um porco  
que como tudo agora é puro mistério e delicadeza  
banhado de luz dourada.  
A doçura é tanta  
que acuado volto para cama.

O que mais dança  
no centro do meu peito?  
Antigas penteadeiras  
de madeira de lei  
ou mármore de carrara.  
Jarras de prata, tachos  
de cobre  
onde ferve a minha carne  
mexida pela preta velha  
que pica e cospe tabaco  
junto ao seu fogão de cinzas e lenha.  
Posso vê-la, de longe  
varrendo pétalas e poeira  
sobre as pedras do terreiro.  
-- Aí! D. Paula!  
Esse pirão é feito de água ou leite?  
-- De água, fiô, de água.  
Espelhos.  
Piso de tábua larga.  
Ping-pong com besouros.  
Sapos de línguas longas.  
Cavalos mangalarga  
desembestados no pasto largo.  
Briga de bois bravos  
a despedaçar o curral.  
E os homens munidos com varas e paus.  
-- Ôôo! Pierrô! Eiaa! Apolo!  
E depois a calma  
da tarde de rolinhas  
aninhando-se no enorme pau-d'alho  
as borboletas com grande olhos  
o pôr do sol.  
O pôr do sol mais belo  
e mais longo do mundo.



Mas ainda há tempo para mais um mergulho  
na piscina de água corrente  
onde antigamente era lavadouro de café.  
Ainda há tempo  
para uma espiga de milho quente,  
para um copo de leite,  
um punhado de jabuticabas,  
um roubo de pitangas,  
uma guerra de cevada.

Ainda há tempo, antes  
que caia novamente a noite...

Que venham! Que venham!  
No mar do naufrágio de agora  
os escombros dos dias plenos.

(Hoje queremos apenas  
que as crianças cresçam  
e ganhar muito dinheiro).

Ribeirão Preto, Natal 1997

PARA UMA CRUZ NA ESTRADA

Carrego dentro de mim, esquecido  
o filho dos meus pais,  
o que um dia foi amado,  
o que foi querido.

Acho que vindo do mar, de longe  
por detrás do monte, escuto um ai:  
Lá vai nosso filho  
com sutilezas de menina.  
Aonde ela vai  
tão bem vestida?

-- Encontrar-se  
com uma bala perdida.

Lá vai nosso filho  
no Elevado.  
Aonde ele vai  
tão bem penteado?

-- Ser atropelado.

Ser negro, marginal, mendigo  
travesti, bêbado, deficiente físico

caminhar ao lado da estrada  
sob a tempestade  
vestido num saco de lixo

e desaparecer imortalizado  
entre os índices de sinistros.

(Para um dia retornar, pródigo  
nos braços do Cristo).

Rio de Janeiro, 21 de janeiro 1998

PERTO, NA SUIÇA

Passeio pelo jardim florido  
com um carrinho de criança, e a criança dorme.  
Agora sou uma mãe de seios rosas  
e isto é a Suíça.  
Sento-me e medito  
no mar infinito, nas águas  
de um tempo esquisito  
como se fora um passado  
ainda a ser vivido.  
A criança dorme, o céu está azul, azul  
por trás de alguns pinheiros.  
O dia está ameno, mas o coração humano  
(mesmo o desta mãe que medita,  
mesmo o desta criança tão bonita)  
é sempre brasa e abismo.

Teresópolis, 8 de março 1998

## BALADA DAS BARCAS

As barcas  
são pura metafísica.  
Sobre as águas  
da Guanabara  
cochilo; sou argonauta perdido  
no meio da vida,  
no mar de calma  
do meu próprio redemoinho.  
E navegar é preciso.  
Meio-dia.  
As águas batem.  
Tocam um sino.  
A vida passa.  
Tudo é bonito.  
A Ilha Fiscal  
pintada de verde.  
Os barcos de pesca  
com seu cheiro de peixes.  
A ponte Rio-Niterói  
que já matou muita gente.  
O resto da mata.  
A viagem.  
Mesmo pequena  
é sempre ela:  
a viagem  
que me carrega.  
Minha companheira.  
E sou tanto dela  
e a amo tanto  
que esqueci para que sirvo  
entre um porto e outro.  
Passo meus dias sonso  
fingindo interesse  
pela família, pelo dinheiro,  
e só me sinto inteiro  
quando no trânsito  
(ou, num momento raro  
quando solitário  
dentro do quarto-barco, pronto  
para morrer um pouco).  
Sou todo mala e passagem.  
Mala é meu corpo, mala é minha alma  
mala, que antes e depois da viagem  
não serve para nada,  
guardada num canto.  
Saio do cochilo, em transe  
e entro na vida, vazio.  
Descemos.  
A barca jamais questiona  
sua disciplina.  
Sou eu, dentro, quem vai à deriva.

Niterói, 10 de novembro 1998

## O COFRE

Quando morrer quero ir pro Céu.  
E sei que vou. E sei que vou.  
Cumprir a vida e voltar à Casa.  
Voltar à Casa. Voltar à Casa.

Minha família guarda uma cama para mim  
num quarto que é meu, com coisas que, embora há muito abandonadas  
ainda são minhas, e se alegrariam com minha presença;  
livros que jamais reli, velhas cartas, velhos poemas,  
desenhos velhos,  
uma caixa só de fotografias, coisas que, se desaparecessem  
me deixariam perplexo e mudo, como se eu tivesse morrido um pouco.

Sei que desaparecem pouco a pouco,  
assim como eu também morro. Mas, por enquanto,  
lá estão elas  
num armário de um quarto onde estou (não estando);  
e esse saber me reconforta.

Lá está o banho quente  
do meu corpo agora cansado.  
Lá está a comida gostosa, à vontade  
para quem está com fome agora, num hotel sujo  
sem coragem de sair à rua, um refúgio  
que mais parece um esconderijo, mas que facilmente poderia ser  
um Palácio iluminado.

Olhando a chuva fina, contra a lua dourada  
penso na vida que é minha  
e se mascara em tantas vidas.

A casa da minha família  
não é mais a minha casa.  
Qualquer lugar, o mundo estranho  
se torna o bom quarto, a cama, o travesseiro  
para o coração arrombado,

como um velho cofre, de cobre, que pulsa  
apesar de tudo  
e que no fundo ainda pula  
de alegria.

Rio de Janeiro, 19 de novembro 1998

## EPÍLOGO

Aqui  
Todo o espaço é o Paraíso  
ou nenhum o é  
O exílio  
é um estado de espírito  
A mente é livre  
para criar seu destino  
Dançamos, em rodopio  
o frenesi da vida  
na direção do infinito  
de cada instante ínfimo  
Não importa a mínima  
o caminho  
O que vale um homem  
é o amor  
que sente por si mesmo  
e pelo seu próximo  
Amor que transborda  
na puríssima orgia íntima  
de sermos todos, sempre  
eu  
o mesmo  
eu  
Somos todos iguais  
ao mesmo tempo parte  
e unidade  
desta força  
que move o sol  
e os outros astros

Disseminados pelo texto, quase sempre entre aspas, há versos ou citações, às vezes levemente adaptados, de Manuel Bandeira, Ferreira Gullar, Mário Faustino, Erico Veríssimo, Ivan Junqueira, Dante, São João da Cruz, Fernando Pessoa, Clarice Lispector e Luís Melodia.

O autor gostaria de expressar gratidão à Fundação Biblioteca Nacional e aos editores das revistas nas quais os seguintes poemas foram originalmente publicados:

Poesia Sempre: "Passeio", "Nós", "No Lixo"  
Rio Artes: "Jagunço", "Impressões do Parque Lage", "Trapó"  
Panorama: "Prenúncios de Gaivotas"

O que mais me agrada nesta poesia de Renato Rezende é a fluidez e o frescor de sua linguagem. Não há nela alquimia vocabular, a busca da palavra inesperada -- qualidades de outro tipo de poesia. A de Passeio brota do chão como a água; e o que ela diz é aparentemente simples, mas não ingênuo. É uma poesia que nasce da reflexão sobre o viver natural.

Ferreira Gullar